

AVALIAÇÃO DA OCORRÊNCIA DE BULLYING EM ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE IPATINGA

EVALUATION OF THE OCCURRENCE OF BULLYING IN TEENAGERS IN PRIMARY EDUCATION AND HIGH SCHOOLS IN IPATINGA

LAÍS DUARTE SALA LEMOS¹, LARISSA DAVID SANTOS¹, MIKAELY CRISTINA DOS SANTOS ALVES¹, LEONARDO DE SOUZA ALMEIDA^{2*}

1. Acadêmicos do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES - Univaço, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil.

2*. Acadêmico do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES - Univaço, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil; Fisioterapeuta, Pós-Graduado em Saúde Pública – Unifoa-RJ.

* Avenida Marechal Candido Rondon, 850 - Veneza I, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil leosareis@yahoo.com.br

Recebido em 10/09/2014. Aceito para publicação em 23/10/2014

RESUMO

Bullying é um comportamento de agressão/vitimização, mais notório nas instituições escolares atualmente. Tal comportamento se manifesta por atos repetidos de agressão física, discriminação e intimidação a pessoas ou grupos. Por ser um tema de grande relevância social em que os adolescentes estão envolvidos, faz-se importante adquirir informações para ajudar no enfrentamento desse grave problema. O objetivo deste estudo foi averiguar fatores relacionados ao *bullying* entre adolescentes nas escolas do município de Ipatinga, Minas Gerais. A pesquisa avaliou 331 alunos entre 12 e 17 anos do ensino fundamental e médio de três escolas públicas e uma particular do município de Ipatinga. Um questionário foi distribuído para cada adolescente e respondido na presença do pesquisador, para melhor esclarecimento a respeito das perguntas. Foram realizadas análises descritivas de todas as informações coletadas por meio de tabelas de distribuição de frequências e medidas de tendência central e variabilidade. Para a avaliação de possíveis associações, foram utilizados os testes qui-quadrado de Pearson, *t-Student* ou *Mann-Whitney*. Nas análises, foi considerado um nível de significância de 5%. A prevalência de *bullying* entre os escolares foi de 47,2%. O tipo predominante foi xingar, colocar apelido ou rir do colega (58,9%), seguido por contar mentira ou fazer fofoca (21,3%). Após ser vítima do *bullying*, 31,3% não se incomodaram; 22,5% sentiram raiva; 21,6% sentiram-se mal e 17,6% ficaram preocupados sobre o que os outros pensariam deles. A maioria das vítimas (70,1%) não teve ajuda do professor para não sofrerem *bullying* novamente, porque estes não tinham conhecimento da ofensa. Houve associação significativa entre os estudantes que sofreram e também praticaram *bullying* ($p < 0,05$). O *bullying* tem alta incidência entre os escolares. O tipo prevalente foi xingar, colocar apelido ou rir do adolescente. O aluno que é vítima pratica mais *bullying* em relação a quem nunca sofreu essa forma de violência.

PALAVRAS-CHAVES: *Bullying*,a adolescentes, escolares.

ABSTRACT

Bullying is a behavior of aggression / victimization, most noticeable in schools today. Such behavior is manifested by repeated acts of physical aggression, discrimination and intimidation of individuals or groups. Because of great social relevance when teenagers are involved, it is important to get information to help in tackling this serious problem. The aim of this study was to examine factors related to bullying among teenagers in schools in Ipatinga, Minas Gerais. The study evaluated 331 students between 12 and 17 years of elementary education and high school from three public schools and one private school in the city of Ipatinga. A questionnaire was distributed to each adolescent and answered in the presence of the researcher, for a better understanding about the questions. Descriptive analysis of all information collected through tables of frequency distributions and measures of central tendency and variability. To evaluate possible associations, we used the chi-square test, t-test or Mann-Whitney test. In the analyzes, it was considered a significance level of 5%. The prevalence of bullying among children was 47.2%. The predominant type was huffing, nicknaming or laugh colleague (58.9%), followed by telling lies or gossip (21.3%). After being a victim of bullying, 31.3% did not bother, and 22.5% felt angry; 21.6% felt poorly and 17.6% were concerned about what others think of them. Most victims (70.1%) had no help from the teacher to not suffer bullying again because they did not know the offense. A significant association between students who experienced bullying and also practiced ($p < 0,05$). The bullying has a high incidence among schoolchildren. The prevailing type was huffing, nicknaming or laugh adolescents. The student who is the victim practicing more bullying compared to those who never experienced this form of violence.

KEYWORDS: Bullying. Teens. School.

1. INTRODUÇÃO

A violência em suas diferentes formas tem importância crescente na população. Abrange a sociedade como um todo, manifestando-se também no espaço escolar e se expressa por meio de intolerâncias, preconceitos e outras manifestações¹.

Bullying, palavra de origem inglesa, expressa determinados comportamentos de agressão e vitimização entre as pessoas e tem sido frequente no âmbito escolar. Envolve tanto pessoas do gênero masculino quanto do feminino. A palavra *bully* pode ser traduzida como valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a uma forma de violência, na qual os autores agredem física ou psicologicamente os alvos, de maneira intencional e repetitiva, sem uma causa evidente².

O *bullying* pode ser classificado, quanto ao modo como é realizado, em direto e indireto. O *bullying* direto é subdividido em físico (bater, chutar, tomar objetos), verbal (ofensas, apelidos) e social ou relacional (destruir e manipular relacionamentos, destruir reputações, bilhetes com mensagens ofensivas, constrangimentos, humilhação e *cyberbullying*) O *bullying* indireto, por sua vez, compreende a exclusão de uma pessoa do grupo, fofocas, ameaças, roubos e danos materiais, sendo praticado por um indivíduo ou um grupo de pessoas^{3,4}. Em relação à ação desempenhada pelos participantes, estes podem ser vítimas, agressores ou testemunhas².

Nas instituições escolares, o *bullying* direto é mais frequente no gênero masculino, enquanto o indireto é mais prevalente entre o feminino (SOURANDER et al., 2009). Estudos mostram que a maioria dos adolescentes não concorda com a ocorrência de *bullying*, mas também não possuem o hábito de denunciar os agressores ou defender as vítimas^{5,6}. Pelo fato de as vítimas não procurarem ajuda e de as testemunhas não denunciarem, cria-se uma falsa impressão de tranquilidade diante de adultos e responsáveis. Além disso, alunos tendem a acreditar que praticar *bullying* ajuda a torná-los populares, o que contribui mais ainda com a sua prevalência⁷.

Entender as formas como a violência se apresenta nas instituições escolares é um grande desafio a ser enfrentado pelos educadores, gestores e pais. Essas informações podem ajudar no enfrentamento desse grave problema e na busca por ações educativas⁸. Por isso, torna-se importante a realização de pesquisas e monitoramentos que permitam definir sua incidência, as situações violentas mais frequentemente vividas pelos estudantes, as prováveis causas e as intervenções que podem ser realizadas no âmbito escolar em relação às políticas públicas¹.

O objetivo deste estudo foi averiguar fatores relacionados ao *bullying* entre adolescentes, estudantes do ensino fundamental e médio, matriculados em escolas públicas e particulares do município de Ipatinga, Minas Gerais.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva e transversal realizada em escolas públicas e particulares localizadas na cidade de Ipatinga, no Estado de Minas Gerais. Este estudo teve início após sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, localizado na cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, sob registro de Protocolo nº 48.275.11 Ofício 30/11.

Participaram da pesquisa adolescentes na faixa etária de 12 e 17 anos, estudantes do ensino fundamental e médio. A coleta de dados ocorreu entre 27 de agosto e 27 de outubro de 2012.

Para a realização da pesquisa, os pesquisadores inicialmente explicaram aos diretores das escolas como seriam os procedimentos para a coleta dos dados, e ainda foram informados sobre a necessidade de assinarem um termo de consentimento autorizando a execução do estudo naquele estabelecimento escolar. Havendo concordância dos diretores das escolas, foi encaminhada correspondência aos pais dos alunos solicitando a permissão para os filhos participarem do estudo. A autorização foi realizada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado de acordo com as normas éticas para pesquisas envolvendo seres humanos, resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Após a autorização dos pais, os alunos receberam explicação detalhada sobre os objetivos da pesquisa, a livre participação e o sigilo dos dados de sua identificação. Havendo concordância do aluno em participar do estudo, aplicaram-se os questionários em sala reservada, durante o período de permanência do aluno na escola, em ocasião e horário adequados.

Cada questionário foi entregue ao aluno em envelope sem identificação e aplicado no período máximo de 40 minutos, na presença dos pesquisadores para esclarecimento de possíveis dúvidas. O questionário, após ser respondido, foi devolvido dentro do envelope ao pesquisador.

O questionário elaborado pelo Dr. Aramis Lopes Neto (Presidente do Departamento de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade de Pediatria), autor do livro "Diga não para o *Bullying*"⁹, foi utilizado nessa pesquisa, com permissão do autor. O formulário de pesquisa consta de oito tópicos: o 1º contém perguntas referentes aos dados de identificação do sujeito da pesquisa; o 2º é relacionado à caracterização do *bullying*, quando ocorre nas escolas; o 3º visa à identificação das consequências pessoais de quem sofre *bullying* na escola; o 4º refere-se à investigação acerca de quem sofre *cyberbullying*; o 5º é direcionado às testemunhas de *bullying* nas escolas; o 6º abrange os adolescentes que praticavam *bullying*; o 7º é direcionado a perguntas sobre quem pratica *cyberbullying*; o 8º refere-se a perguntas relacionadas às opiniões dos

adolescentes sobre *bullying*.

Os questionários foram aplicados por quatro acadêmicos do curso de medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior (IMES), devidamente treinados.

Foram feitas tabelas de distribuição de frequência para todas as questões avaliadas no estudo. Para avaliar possíveis associações, foi utilizado o teste qui-quadrado de Pearson, apropriado para comparação de proporções. Em todas as análises, considerou-se o nível de significância de 5%.

Para montagem do banco de dados, foi utilizado o programa Epidata, versão 3.1. Para análise dos dados, usou-se o Programa Statistical Package For Social Science (SPSS), versão 15.0.

3. RESULTADOS

No período de dois meses da coleta de dados, foram aplicados questionários a estudantes do ensino fundamental e ensino médio, de escolas públicas (75,2%) e particulares (24,8%) do município de Ipatinga. A amostra constou de 331 adolescentes da faixa etária de 12 e 17 anos; 121 (36,6%) eram do gênero masculino e 210 (63,4%) do gênero feminino (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição de frequência referente à idade dos entrevistados.

Variável	Frequência	Percentual
Idade (anos)		
16	83	25,1
15	66	19,9
12	62	18,7
13	55	16,6
14	51	15,4
17	14	4,2

Ao se perguntar aos estudantes se já haviam sofrido *bullying*, 175 (52,8%) informaram que não sofreram e 156 (47,2%) que sim. Os dados referentes ao número de vezes que sofreram *bullying*, o tipo de agressão mais frequente e o local de ocorrência encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição das variáveis sobre as vítimas de *bullying* nas escolas.

Variável	Frequência	Percentual
Quantas vezes você sofreu bullying este ano		
1 ou 2 vezes	87	55,8
3 a 6 vezes	36	23,1
Várias vezes por semana	24	15,4
1 vez por semana	9	5,7
TOTAL	156	100
Tipo de bullying mais usado		
Colocam apelidos, me xigam e riem de mim	116	58,9
Contam mentiras ou fazem fofocas	42	21,3
Quebram ou pegam minhas coisas	12	6,1
Empurram, chutam ou	10	5,1

batem		
Outros tipos	9	4,6
Ameaçam	6	3,0
Não me deixam ficar junto com outros colegas	2	1,0
TOTAL	197	100

Locais da ocorrência de bullying

Sala de aula	129	63,2
Ambiente de recreio	41	20,1
Outros locais	11	5,4
Corredores	10	4,9
Refeitório	6	2,9
Portão da escola	4	2,0
Banheiro	3	1,5
TOTAL	204	100

As respostas à pergunta sobre o gênero do autor e as relativas ao sentimento do adolescente após ter sofrido *bullying*, a atitude que tomou e as pessoas a quem recorreu após o evento encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição da frequência de *bullying* por gênero, das consequências pessoais dos que sofrem *bullying* na escola e atitude após ter sofrido *bullying*.

Variável	Frequência	Percentual
Vítima de bullying por colegas do gênero masculino ou feminino		
Só por meninos	71	44,6
Tanto por meninos quanto por meninas	39	24,6
Principalmente por meninos	22	13,9
Só por meninas	16	10,0
Principalmente por meninas	11	6,9
Total	159	100
O que sentiu quando sofreu bullying		
Não me incomodei	71	31,3
Tive raiva	51	22,5
Senti mal	49	21,6
Fiquei preocupado sobre o que os outros pensavam de mim	40	17,6
Não queria mais ir à escola	10	4,4
Fiquei com medo	6	2,6
Total	227	100
O que fez quando sofreu bullying		
Não dei atenção, ignorei	105	46,9
Eu me defendi	45	20,1
Pedi que parassem	27	12,1
Chorei	22	9,8
Pedi ajuda a um adulto	14	6,2
Fiz outra coisa	8	3,6
Fugi	3	1,3
Total	224	100,0
Conversou com alguém sobre ter sofrido bullying		
Não falei com ninguém	79	44,1
Falei com meus colegas	47	26,3
Falei com meus pais ou responsáveis	28	15,6
Falei com o diretor, coordenador, professor ou	18	10,1

outro funcionário		
Falei com meus irmãos ou irmãs	4	2,2
Falei com outras pessoas	3	1,7
Total	179	100
Alguns dos seus professores ajudou você a não sofrer mais bullying		
Não, porque eles não sabiam	108	70,1
Não, nenhum me ajudou	18	11,7
Sim, eles tentaram e não aconteceu mais	15	9,8
Sim, eles tentaram e diminuiu	6	3,9
Sim, eles tentaram, mas continuou	4	2,6
Sim, alguns deles tentaram me ajudar, mas piorou	3	1,9
Total	154	100
Alguém da sua família falou com alguém da escola sobre o bullying que você sofreu		
Não, eles não sabiam	115	71,9
Não, eles não falaram nada	28	17,5
Sim, eles falaram e não aconteceu mais	9	5,7
Sim, eles falaram e diminuiu	4	2,5
Sim, eles falaram e continuou a acontecer	2	1,2
Sim, eles falaram mais piorou	2	1,2
Total	160	100
Alguns colegas tentou impedir que você parasse de sofrer bullying		
Não, eles não tentaram	42	25,8
Sim, eles tentaram e diminuiu	32	19,6
Não, eles não sabiam	29	17,8
Sim, tentaram e não aconteceu mais	28	17,2
Sim, eles tentaram e continuou a acontecer	25	15,3
Sim, eles tentaram e piorou	7	4,3
Total	163	100

As respostas às perguntas sobre *cyberbullying*, meio utilizado, o número de vezes que sofreu e o sentimento após ter sofrido a ofensa, encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4. Descrição das variáveis sobre vítimas de *cyberbullying*

Variável	Frequência	Percentual
Meio utilizado para a prática de cyberbullying		
Internet	49	43,4
Celular	19	16,8
MSN - Microsoft Service Network	17	15,1
Orkut	12	10,6
E-mail	5	4,4
Outros meios	11	9,7
Total	113	100
Como se sentiu quando sofreu cyberbullying		
Não me incomodou	32	27,4

Sentiu mal	26	22,2
Tive raiva	22	18,8
Fiquei preocupado sobre o que os outros pensavam de mim	19	16,2
Fiquei com medo	9	7,7
Eu me senti assustado	7	6,0
Não queria mais ir à escola	2	1,7
Total	117	100

Em relação às testemunhas, 73 (36,5%) sentiram-se mal ao ver alguns colegas sofrendo *bullying*; 65 (32,5%) ficaram com pena; 25 (12,5%) ficaram tristes; e 24 (10,8%) tiveram medo de que também acontecesse com eles.

Os dados sobre como os adolescentes se sentiram e sobre o que fizeram ao ver alguns colegas sofrendo *bullying* estão na Tabela 5.

Tabela 5. Descrição das variáveis sobre testemunhas de *bullying* na escola.

Variável	Frequência	Percentual
Como se sentiu quando viu alguns de seus colegas sofrendo bullying na escola		
Senti mal	73	36,5
Fiquei com pena	65	32,5
Eu me senti triste	25	12,5
Tive medo que pudesse acontecer comigo	24	12,0
Não me incomodou	9	4,5
Fingi que não vi	3	1,5
Fiquei com pena do agressor	1	0,5
Total	200	100
O que fez quando você viu alguns de seus colegas sofrendo bullying		
Disse aos agressores que parassem	181	51,0
Socorri o colega que estava sofrendo	63	17,7
Pedi ajuda à direção, professor ou funcionário da escola	31	8,7
Eu também sofri bullying	30	8,5
Muitas vezes eu ajudei a fazer	22	6,2
Não ajudei, mas gostei de ver	13	3,7
Muitas vezes fui eu quem começou o bullying	9	2,5
Fui obrigado a fazer bullying	6	1,7
Total	355	100

A Tabela 6 é referente à prática de *bullying* contra colegas: quantas vezes você praticou *bullying* este ano, o tipo de *bullying*, alguém conversou com você dizendo que praticar *bullying* é errado.

Tabela 6. Distribuição das variáveis em relação aos autores de *bullying*.

Variável	Frequência	Percentual
Quantas vezes você praticou bullying este ano		
Uma ou 2 vezes	77	66,9
De 3 a 6 vezes	21	18,3
Várias vezes por semana	16	13,9
1 vez por semana	1	0,9
Total	115	100
De que forma praticou bullying		
Coloquei apelidos, xinguei ou ri deles	86	68,8
Ameacei	4	3,2
Bati, dei pontapés, empurrei	3	2,4
Não os deixei conversarem, ficarem juntos ou brincarem com outros colegas	3	2,4
Espalhei mentiras ou fofocas a seu respeito e tentei fazer com que os outros não gostassem deles	3	2,4
Quebrei ou peguei os objetos ou o dinheiro deles	1	0,8
Outras formas	25	20,0
Total	125	100
O que você sentiu quando praticou bullying		
Foi engraçado	55	36,9
Senti mal	33	22,1
Tenho certeza de que eles fariam o mesmo comigo	19	12,8
Senti pena do colega	17	11,4
Senti que eles mereciam castigo	10	6,7
Não senti nada	8	5,4
Estava preocupado se algum professor ou funcionário, ou mesmo os pais descobrissem	4	2,7
Me senti bem	3	2,0
Total	149	100
Alguém conversou sobre o bullying dizendo que isso era errado		
Ninguém falou comigo	55	39,3
Meus amigos	31	22,1
Meus pais ou responsáveis	26	18,6
Diretor, coordenador, professor, ou outro funcionário da escola	21	15,0
Os meus irmãos ou irmãs	2	1,4
Outras pessoas	5	3,6
Total	140	100

O questionário de pesquisa contemplou um item no qual se indagava se os alunos haviam praticado *cyberbullying*, no qual observou-se que 283 (85,5%) não o praticaram e 48 (14,5%) o praticaram (Tabela 7).

Os dados relativos à importância da iniciação de um trabalho para reduzir o *bullying* nas escolas pesquisadas encontram-se na Tabela 8.

A Tabela 9 é referente à relação entre sofrer e praticar *bullying*. Observa-se que há associação significativa entre os adolescentes que sofreram *bullying* e que também praticaram ($p < 0,05$).

Tabela 7. Praticar *cyberbullying*

Variável	Frequência	Percentual
Você já praticou cyberbullying contra outros colegas		
Sim, pela internet	28	58,3
Sim, pelo celular	5	10,4
Sim, pelo e-mail	4	8,3
Sim, pelo MSN	4	8,3
Sim, pelo Orkut	3	6,3
Sim, por outros meios	4	8,3
Total	48	100

Tabela 8. Ações contra o *bullying*

Variável	Frequência	Percentual
Você acharia importante iniciar um trabalho para reduzir o bullying em sua escola		
Sim, porque acho que o bullying é um problema para os estudantes	217	65,6
Sim, embora ache que não vai adiantar	85	25,7
Não, porque nunca vi ninguém sofrendo bullying na escola	13	3,9
Não, porque não acho que o bullying seja um problema para os estudantes	8	2,4
Não, porque acho que não vai adiantar	8	2,4
Total	331	100
Você estaria disposto a ajudar em um trabalho para reduzir o bullying em sua escola		
Sim, eu gostaria de ajudar	283	85,5
Não, porque acho que não vai adiantar nada	17	5,1
Não, embora ache importante desenvolver esse trabalho, eu não gostaria de ajudar	15	4,5
Não, porque nunca vi ninguém sofrendo bullying na escola	10	3,0
Não, porque não acho que o bullying seja um problema para os estudantes	6	1,8
Total	331	100

Tabela 9. Relação entre sofrer e praticar *bullying*.

Sofreu bullying	Fez bullying					
	Não		Sim		Total	
	n	%	n	%	n	%
Não	130	60,2	86	39,8	216	100
Sim	45	39,1	70	60,9	115	100
Total	175	52,9	156	47,1	331	100

4. DISCUSSÃO

O atual estudo demonstrou percentual significativo da ocorrência de *bullying* entre adolescentes de escolas públicas e particulares do ensino médio, visto que a prevalência foi de 47,2%. Esse resultado é semelhante ao de Shemesh et al. (2013)¹⁰, que constatou prevalência de 45,4% em crianças e adolescentes entre 8 e 17 anos. Já Calbo et al. (2009)¹¹ e Andrade et al. (2012)¹² encontraram prevalência inferior, 26,7% e 31% respectivamente.

Pesquisa realizada com 1.075 estudantes da 1ª à 8ª série, em duas escolas localizadas no município de Pelotas (RS), mostrou que 17,6% dos alunos já haviam sofrido

bullying ¹³. Em estudo realizado em escola pública da costa oeste dos Estados Unidos, com uma amostra de 3.530 participantes, 78% relataram que não estavam envolvidos em *bullying*; 14% disseram intimidar outros colegas; 6% relataram intimidação por parte dos agressores; e 2% intimidam e são intimidados por outros colegas ¹⁴.

A atual pesquisa mostrou que a maior participação em situações de *bullying* ocorreu entre jovens do gênero masculino, assim como em outros estudos ^{11, 15, 16}.

Ao serem indagados sobre quantas vezes sofreram *bullying*, 55,8% informaram que as ofensas ocorreram 1 ou 2 vezes por ano. Já os estudos realizados em Portugal no ano de 2008 e em Curitiba no ano de 2013, mostraram resultado superior quando comparado ao estudo atual ^{17,18}.

Existe a hipótese de que os meninos dessa faixa etária encontram-se em um momento no qual a competição e a busca por prestígio junto às meninas aumentam consideravelmente e, por isso, eles apresentam comportamento de risco ou agressivo ¹⁹. Outra explicação seria que adolescentes do gênero masculino sofrem *bullying* de uma forma mais direta, enquanto as adolescentes praticam mais a forma verbal e a exclusão, o que se torna menos visível ^{13, 20}.

Em relação ao tipo de *bullying*, predominaram xingar, colocar apelido ou rir do adolescente (58,9%), seguido por contar mentira ou fazer fofoca (21,3%). Esse resultado está de acordo com outros autores em que a forma verbal foi a mais prevalente ¹¹. A utilização de apelidos muitas vezes pejorativos ou relacionados a determinada característica física ou fragilidade das vítimas pode explicar o predomínio desse tipo ¹³. Porém, no trabalho de Francisco e Libório (2009)⁶, houve diferença em relação ao tipo de *bullying* de acordo com a série. Nas turmas da 5ª série, a forma predominante foi ameaça física e nas turmas da 8ª série predominaram insultos e provocações.

Há estudos que evidenciam a relação entre meninos e a prática do *bullying* direto, como agressão física e ameaça, enquanto as meninas utilizam formas mais indiretas do *bullying*, como o uso de apelidos, fofocas e exclusão do grupo social ^{21,22}.

Entre os locais de ocorrência, na atual pesquisa, predominou a sala de aula (63,2%); em seguida, a área do recreio (20,1%). Isso foi mostrado também nos estudos de Pardo et al. (2012)²³ e Puhl et al. (2013)²⁴. Resultado semelhante também foi relatado por Grossi e Santos (2009)²⁵, em que predominou a ocorrência de *bullying* na sala de aula (52,7%). Na pesquisa de Francisco e Libório (2009)⁶, apenas entre alunos da 5ª série de duas escolas, uma particular e outra pública, o recreio foi o lugar de maior ocorrência de *bullying*. Todas as demais turmas entrevistadas relataram concordância ao dizer que o local de maior ocorrência de *bullying* foi a sala de aula. Segundo Toro et al. (2010)²⁶, a predominância da ocorrência de *bullying* nas salas de aula se deve ao distanciamento entre professor e aluno; dessa forma, em vez de comunicação e diálogo,

as relações escolares são mantidas apenas por regras e tarefas, obediência ou suspensão.

Ao expressar o que sentiram após ter sofrido *bullying*, 31,3% informaram que não se incomodaram. Pardo et al. (2012) realizaram entrevistas com vítimas de *bullying*, e estes informaram não sentir “nada”, “raiva” ou piedade. Contudo, no trabalho de Francisco e Libório (2009)⁶, a maioria dos alunos relatou sentir-se mal após ter sido vítima de *bullying*. Já os entrevistados por Grossi e Santos (2009)²⁵ informaram sentir raiva, medo, ficar assustados e relataram não querer frequentar a escola.

É importante a identificação dos sintomas apresentados pelas vítimas, pois o *bullying* é fator de risco para dor de cabeça recorrente, problema respiratório, falta de apetite e alteração do sono. É, portanto, de fundamental importância o papel do pediatra na detecção das possíveis vítimas de *bullying* ²⁷.

No presente estudo, ao serem interrogados sobre o que fizeram ao sofrer *bullying*, 46,9% o ignoraram, em concordância com a pesquisa de Francisco e Libório (2009)⁶. Contudo, no trabalho de Grossi e Santos (2009)²⁵, a maioria respondeu ter-se defendido com revidações.

A resposta à pergunta se conversaram sobre ter sofrido *bullying*, 44,1% dos estudantes relataram não conversar com ninguém; esse resultado vai ao encontro da pesquisa realizada por Grossi e Santos (2009)²⁵. Há diversas razões para essa atitude, dentre as quais, achar errado dizer a alguém que sofreu maus-tratos e por já ter presenciado adultos responsáveis ignorarem outros relatos, já que alguns professores e funcionários da escola concentram-se nos assuntos acadêmicos e deixam essas questões sociais para outros profissionais. Outras razões que impedem a vítima de relatar a intimidação é o medo de que a situação piore com o envolvimento do adulto e por sentir-se culpada, achando possível resolver o problema sozinho ⁴.

À indagação se tiveram ajuda de professor para não sofrer *bullying*, 70,1% informaram que não tiveram porque os professores não tinham conhecimento da ofensa. Grossi e Santos (2009)²⁵ observaram que mais de 50% dos alunos responderam que os professores não tinham conhecimento de ocorrência de *bullying*.

Ao perguntar se os colegas tentaram impedir a prática de *bullying*, 25,8% informaram que não tentaram. Bandeira e Hutz (2012)²⁸ constataram que 33,8% dos entrevistados tentaram ajudar e a situação melhorou.

Quando se perguntou aos autores o que sentiram ao praticar *bullying*, 36,9% afirmaram que foi engraçado e 22,1% se sentiram mal. A resposta à pergunta se alguém já havia falado para os autores que é errado praticar *bullying*, 39,3% responderam que ninguém havia dito para eles. Houve concordância com o trabalho de Bandeira e Hutz (2012)²⁸, em que a maioria dos entrevistados afirmou ter sido engraçado e a minoria relatou ter se sentido bem. Ainda questionados se alguém já havia falado para os autores que é errado praticar *bullying*, 16,6% responderam

que ninguém havia falado.

Quanto às testemunhas, observou-se que 36,5% relataram que se sentiram mal ao presenciar a prática de *bullying*. Outros autores encontraram o relato dos seguintes sentimentos: “mal estar”, pena, “bem-estar”, medo e desprezo^{25,28}.

Acerca da atitude tomada pelas testemunhas ao presenciar o *bullying*, 51,0% relataram ter dito aos agressores que parassem. Bandeira e Hutz (2012)²⁸ observaram que 83,9% dos jovens disseram ter testemunhado a prática de *bullying*, 37,8% não fizeram nada. Houve, também, alunos que pediram ao agressor que parasse, ajudaram a vítima ou pediram ajuda na escola²⁸.

Quanto à relação entre sofrer e praticar *bullying*, observou-se que 60,9% dos que sofreram também praticaram *bullying*, enquanto, entre os que não o sofreram, 39,8% o praticaram. Há associação significativa entre os estudantes que sofreram e que também praticaram ($p < 0,05$). Há também percentual elevado em outros estudos^{13, 29}. Essa associação reforça essa prática e produz uma cadeia de violência em substituição a um modelo que busque romper esse vínculo.

Das testemunhas, 35,5% consideram que os colegas praticam *bullying* contra os outros por brincadeira e 18,3% acham que isso ocorre porque a vítima é diferente dos outros. Esse resultado está em consonância com a pesquisa de Bandeira e Hutz (2012)²⁸. Já o estudo de Almeida et al. (2007)³⁰ encontrou como principal motivo para o *bullying* os estereótipos, seguido da comparação social.

Entre os adolescentes que sofreram *cyberbullying*, o meio de comunicação mais comum foi a internet (14,8%). À indagação sobre o que sentiram quando sofreram *cyberbullying*, 9,7% não se incomodaram. Segundo Kowalski e Limber (2007)³¹, em pesquisa com uma amostra de 3767 alunos do ensino médio no sudeste e noroeste dos Estados Unidos, a maioria relatou que o método mais usado para intimidação de colegas foram as mensagens instantâneas via celulares. O *cyberbullying* tem-se tornado frequente e com grande possibilidade de disseminação pela Internet ou celulares, tornando-se necessárias mais investigações com o objetivo de obtenção de dados para prevenção³².

O questionário da pesquisa contemplou um item no qual se indagava qual o meio mais utilizado pelos alunos na prática do *cyberbullying*, tendo a internet como resposta prevalente. Essa forma pode ser praticada por vítimas do *bullying* tradicional, por garantir anonimato e proporcionar proteção, segurança, coragem e desinibição³.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa sobre *bullying* entre adolescentes, do ensino fundamental e médio, em instituições escolares particulares e públicas de Ipatinga, demonstrou ser frequente esse problema nas escolas onde foram realizadas as entrevistas. Foi possível verificar que esse é um fenômeno de

ocorrência muito comum no cenário escolar do município, com grande porcentagem de alunos envolvidos em diferentes papéis e tipos de *bullying*.

O contexto escolar está repleto de dessemelhanças, assim como na vida diária e, o fato de não saberem lidar com essa situação tem levado alunos a revidar a ofensa, apresentar alteração emocional, baixa autoestima, medo, irritabilidade e dificuldades em ir à escola. Contudo, grande parte de estudantes relataram não se incomodar com possíveis consequências pessoais que esse tipo de violência possa lhes causar, ignorando as práticas de *bullying* recebidas.

Outro aspecto importante, explanado e corroborado no transcorrer do presente artigo é quanto ao tipo de *bullying* mais usado pelos alunos. Prevaleceu colocar apelidos, xingar e rir dos colegas; grande parte dos alunos vítimas de *bullying* não conversaram com ninguém a respeito e não receberam ajuda por parte dos professores, pois afirmaram que estes desconheciam as situações de *bullying* ocorridas.

Os resultados encontrados na pesquisa confirmam que o *cyberbullying*, violência virtual, está efetivamente presente na vida desses jovens, sejam eles vítimas, sejam autores, ou testemunhas. É uma forma atual e relevante, com algumas características diferentes do *bullying* tradicional, já que ultrapassa o ambiente escolar, e deve ser investigado e acompanhado não apenas pelos educadores nas escolas, mas também no âmbito familiar.

Observou-se que há relação significativa entre sofrer e praticar *bullying* ao evidenciar que a vítima pratica mais *bullying* do que os alunos que nunca sofreram essa forma de violência.

Os dados colhidos no presente estudo, com questionários e cruzamentos estatísticos, trazem elementos essenciais para compreensão da dinâmica do *bullying* nas escolas do município. Acredita-se que as informações alcançadas neste trabalho possam contribuir para realização de novos estudos e subsidiar a elaboração de campanhas e projetos em âmbito escolar, que se voltem ao enfrentamento do *bullying*.

REFERÊNCIAS

- [1] Leme MIS. A gestão da violência escolar. Revista Diálogo Educacional, São Paulo. 2009;9(28):541-55.
- [2] Silva ABB. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva. 2010; 187.
- [3] Lopes Neto A. Bullying: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasilense. 2011; 118.
- [4] Beane AL. Proteja seu filho do bullying. 1 ed. Rio de Janeiro: BestSeller. 2010; 234.
- [5] Carvalho et al. Bullying: a provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. Análise Psicológica, Lisboa. 2001; 19(4):523-37.
- [6] Francisco MV, Libório RM. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. Psicologia: reflexão e crítica, São Paulo. 2009; 22(2):200-7.

- [7] Lopes Neto A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro. 2005; 81(5):164-72.
- [8] Cunha JL, Pacheco CRC. Violência, cidadania e disciplina: controversas na escola. *Revista Diálogo Educacional*, Paraná. 2009; 9(28):557-69.
- [9] Lopes Neto A, Saavedra LH. Diga não para o bullying. Rio de Janeiro: ABRAPIA. 2003.
- [10] Shemesh E, *et al.* Child and parental reports of bullying in a consecutive sample of children with food allergy. *Pediatrics*. 2013; 131(1):10-17.
- [11] Calbo AS. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*, Rio Grande do Sul. 2009; 2(2):73-80.
- [12] Andrade SSCA. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro. 2012; 28(9):1725-36.
- [13] Moura DR, Cruz ACN, Quevedo LA. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro. 2011; 87(1):19-23.
- [14] Glew GM, *et al.* Bullying, psychosocial adjustment, and academic performance in elementary school. *Arch Pediatr Adolesc Med*, Seattle. 2005; 159(11):1026-31.
- [15] Fekkes M, Pijpers FI. Bullying behavior and association with psychosomatic complaints and depression in victims. *Journal of Pediatrics*. 2004; 144:17-22.
- [16] Malta CD. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da pesquisa nacional de saúde do escolar. *Ciência e Saúde Coletiva*, São Paulo. 2010; 15(2):3065-76.
- [17] Carvalhosa SF. O bullying nas escolas portuguesas. Seminário "Violência, Bullying e Agressividade em Contextos de Formação", Lisboa. 2008.
- [18] Teixeira VA, *et al.* Bullying nas escolas municipais de Curitiba-PR: um problema de saúde pública. *Revista Uniandrade*, Paraná. 2013; 14(1):25-43.
- [19] Baker MD, Maner JK. Risk-taking a situationally sensitive male mating strategy. *Evolution and Human Behavior*, Florida. 2008; 29(6):391-5.
- [20] Pereira BO, Silva MAI, Nunes B. Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev Diálogo Educ*, Paraná. 2009; 9(28):455-66.
- [21] Lisboa CSM. Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre vítimas e não vítimas de violência doméstica. 2001. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2001.
- [22] Hawley PH. Prosocial and coercive configurations of resource control in early adolescence: A case for the well-adapted Machiavellian. *Merrill-Palmer Quarterly*, Lawrence. 2009; 49:310-42.
- [23] Pardo IMCG, *et al.* A escola é um lugar seguro? Prevalência de bullying em uma amostra de estudantes de ensino médio público de Sorocaba. *Rev. Fac. Ciên. Méd. Sorocaba*, São Paulo. 2012; 14(3):100-4.
- [24] Puhl RM, Peterson LJ, Luedicke J. Weight-based victimization: bullying experiences of weight loss treatment-seeking youth. *Pediatrics*. 2013; 131(1).
- [25] Grossi PK, Santos AM. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre. *Revista Portuguesa de Educação*, Rio Grande do Sul. 2009; 22(2):249-67.
- [26] Toro GVR, *et al.* Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicologia: Teoria e Prática*, Minas Gerais. 2010; 12(1):123-37.
- [27] Gini G, Pozzoli T. Bullied children and psychosomatic problems: a meta-analysis. *Pediatrics*. 2013; 132(4):720-29.
- [28] Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo. 2012; 16(1):35-44.
- [29] Souza JM, *et al.* A prevalência de bullying entre adolescentes escolares do ensino fundamental. V colóquio internacional "educação e contemporaneidade", São Cristóvão-SE. 2011; 1982-3657.
- [30] Almeida A, Lisboa C, Caurcel MJ. Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista interamericana de Psicología*, Lisboa. 2007; 41(2):107-18.
- [31] Kowalski RM, Limber SP. Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, South Carolina. 2007; 41(6):22-30.
- [32] Amado J, *et al.* Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interações*, Portugal. 2009; 3(13):301-26.
- [33] SOURANDER, A. *et al.* Childhood bullying behavior and later psychiatric hospital and psychopharmacologic treatment. *Arch Gen Psychiat*, Noruega. 2009; 66(9):1005-1012.

